

# A FOLHA D' OVAR

FOLHA LITTERARIA E NOTICIOSA

DIRECTOR E RESPONSÁVEL — M. GOMES DIAS

## ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre... 500 rs.  
com estampilha... 600 "  
Fora do reino acresce o porte do correio.  
Annuncia-se obras litterarias em troca de  
dois exemplares.— Pagamento adiantado  
**Redacção e Administração**  
**Largo de S. Miguel, 65**

## PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 rs. cada  
linha.  
Annuncios e communicados, 50 rs.: repeti-  
ções 25 rs.—Annuncios permanentes, 5 rs.  
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.  
Folha avulsa, 20 rs.

Séde da imprensa

Rua do Almada, 327—Porto

Ovar, 17 de março

Eis um fim de seculo para nós as-  
sombroso e terrivel! De toda a parte  
surgem, como por encanto, novos pe-  
rigos e complicados embaraços, que  
parecem prophetisar-nos uma desas-  
trada morte!

A cada instante se vê uma enorme  
barreira levantando-se aterradora e  
sinistra deante de qualquer projecto  
que, a finalizar-se, semearia no gre-  
mio dos descrentes um pouco d'esper-  
rança!

A onda repelle furiosa o naufrago  
que tenta approximar-se do batel, sua  
única salvação.

A treva supplant a luz!  
A morte é inevitavel!

\*

E depois da esperança perdida, que  
importam promessas e juramentos?

E depois de se sentirem as agonias  
do moribundo, que valem lembranças  
do passado e esperanças do futuro?

A nós pouco nos resta d'esperança  
e o ar gelido da morte vae-nos a pou-  
co e pouco entorpecendo os nervos e  
embaciando o olhar.

Já não podemos ser um povo inde-  
pendente, altivo e forte, visto que ca-  
himos no marasmo da indiferença,  
visto que deixamos manchar a nossa  
dignidade.

Passaram-se annos em que riamos  
despreocupadamente, pondo talvez a  
mão na chaga que não nos doia e não  
viamos e não sentiamos a lava devas-  
tadora que minava diligentemente a  
base da columna em que nos firma-  
mos.

Accordamos só quando essa colum-  
na vacillava. Hoje, como n'essa hora,  
vacilla ainda, e amanhã quem sabe!  
Talvez caia estrondosamente fazendo-  
se em pedaços!

Que desesperada situação!

\*

Se ao menos esse bocadinho de es-  
perança, que nos ficou como que por  
esquecimento, nos levantasse do loda-  
çal em que cahimos, como seríamos  
felizes!

Mas nem isso, desgraçadamente! As  
lagrimas correm, os suspiros abafam-  
se e esse resto d'esperança... ai! mor-  
re com aquelles que ainda a alimenta-  
vam!

Recuperar o perdido, de qualquer  
modo, parece-nos completamente im-  
possivel.

Tal é o nosso estado de fraqueza e  
adormecimento!

\*

Mas... quem sabe? Colombo ex-  
clamava convicto no meio dos descren-  
tos: «Esperez! Trois jours et je vous  
donne un monde!» E elle, o arrojado  
navegador, sempre firme no seu pro-  
posito, inabalavel na sua fé, mostrava  
d'ahi a pouco, aos olhos de todos, um  
mundo desconhecido!

Quem sabe pois se nós tambem, os  
descrentes, dentro em pouco veremos  
realizados os projectos que nos pare-  
cem sonhos e entraremos n'uma epo-  
cha venturosa em que o paiz levante  
a frente, ora acabrunhada pela des-  
graça?

Os esforços fazem-se e a enorgia e  
vontade de quem os faz, são dignas  
do maior elogio. A realisação de to-  
dos esses sacrificios será... o quê?

Eis a duvida tremenda que nos in-  
vade o espirito. Nem sempre o tiro  
atinge o alvo ao qual é dirigido e  
muito menos quando a arma não me-  
rece confiança ao atirador.

Todavia, que fazer em frente do  
abysmo escancarado que nos assusta?  
Descrer de tudo?

Não! Para que calcar aos pés uma  
esperança renascente?

Não desanimemos pois, ainda mes-  
mo no meio da incerteza e não ex-  
clamemos furiosos como os revolucio-  
nados companheiros de Colombo:—  
«Plus d'espoir» — porque ainda ha  
quem nos diga convicto— «Esperez!  
Esperez!»

Subscrição em favor das fami-  
lias das victimas da Povoia  
do Varzim.

Redacção da Folha d'Ovar.. 2\$500

## A humanidade, e a patria

«L'humanité et la pa-  
trie, voilà les deux abjets,  
raisonnables de passions  
inveigues, et, ce n'est pas  
ici, le cas d'appliquer cette  
parole qu'on ne saurait ser-  
vir dans maints à la fois.»

Serminier—Phil. do D. pag. 27.

E' nas circumstancias mais criticas  
que melhor se conhecem os bons sen-  
timentos que affectam um povo—por-  
que então é que o altissimo transpira  
com toda a sua energia, com toda a  
sua dureza.

A epocha que vamos atravessando,  
é uma d'aquellas que teem sido tre-  
mendas para o povo portuguez, porque  
se, por um lado, está ainda patente a  
todos a catastrophe do norte do paiz,  
que tão funda impressão produziu, por  
outro lado esta a patria moribunda, á  
mercê dos grandes capitalistas que,  
constantemente lhe atiram ignominias,  
como os garotos pelas ruas atiram pe-  
daços de lodo aos magnos cães vadios.

E o que faz o povo portuguez n'estas  
circumstancias? Mostra-se grande,  
mostra-se corajoso.

Lançando os olhos para os naufrago-  
s do norte repete a curta mas ex-  
pressiva phrase do Marquez de Pom-  
bal:—«enterramos os mortos e cuide-  
mos dos vivos».

E assim, obdecendo á voz d'um  
mesmo sentimento—*a humanidade*—  
levantam-se por toda a parte do paiz  
bandos precatórios e por toda a parte  
se veem mãos humanitarias.

Lançando os olhos para a patria  
que geme como aquelle que, depois de  
ter cahido em poder de gente inimiga  
que lhe roubou quanto tinha, ficou re-  
duzido á escravidão!

Diz o portuguez:—Que duvida te-  
rei em me sacrificar pela minha pa-  
tria?

Assim pensa o lavrador que todo o  
dia moureja, quer esteja chuva, vento  
ou um sol ardentissimo, para ganhar  
um pão, quando diz:—carreguem-me  
com mais decimas se forem precisas  
para nos livrarmos da tutela estran-  
geira.

Faça-se o que a patria ordenar; fa-  
ça-se guerra aos vampiros que suga-

ram o seu sangue, dizem todos em-  
fim.

A humanidade e a patria são duas  
cousas que ainda fazem vibrar com  
toda a intensidade as cordas do cora-  
ção portuguez!

A. F.

## Litteratura

### DIVAGANDO...

(A \* \* \*)

A viração rebolava-se de mansinho  
por sobre o vasto areal da praia, te-  
pido e suave, n'uma d'essas tardes em  
que todo o conjunto da natureza se  
exhibe mais bello e colorido, mais poe-  
tico e sublime ao pensador.

O astro-rei no firmamento e o poe-  
tico a espumoso oceano na terra, são  
duas entidades recheadas de exceden-  
tes primasias que encantam e arreba-  
tam, são grandiloquas magnanimida-  
des que interpretam abundantemente  
o dedilhar d'almas bohemias no amplo  
poema d'alegria; são as testemunhas  
inertes do sincero e nobre culto do  
amor e do viver romantico.

Que de bellezas e de pompas a na-  
tureza ostenta a circundar este qua-  
dro sublime, tão artisticamente archi-  
tectado que eleva, excita e entusias-  
ma a minha triste e fria alma, triste  
como o arbusto no outono e fria como  
o gelido vento que lhe rouba as folhas!

Divagava a alma reanimada pelos  
embates das mil ondulações do senti-  
mentalismo, excitadas pela excellencia  
do bello e pela perfeição do magestoso  
quadro da natura, quando mui longe,  
ao longe boiava uma barquinha que  
deslisava leda e indolentemente sobre  
o manto aquoso que se revolvia tão  
manso que parecia humilhar-se, cur-  
var-se meigamente á passagem d'este  
mesquinho madeiro que se ostentava  
em direcção ao rochedo onde sentado  
mirava melancholico o quebrar-se das  
ondas.

Aquella barquinha empurrada leve-  
mente pelas vagas pouco e pouco foi  
approximando-se do logar onde mara-

(4)

Folhetim da Folha d'Ovar

## O PADRE CURA

POR

### SILVESTRE AMENO

Elle era, o padre cura, lá na minha aldeia  
A abelha que orgulhosa impéra na colmeia!  
Divinisado, quasi, pelo povo bruto,  
E sendo então, que o era, alguma coisa astuto,  
Sobresahia acima d'essa pobre gente  
Que nem que fosse um Deus!... E já provavelmente  
De santo tinha o cheiro, pois que um tal respeito  
Que o povo lhe guardava pela aldeia a eito  
Só era dispensado á sua santidade!  
Um homem excepcional e, diga-se a verdade,  
Um grande padre cura, é o que elle era afinal!...

Talvez que aqui não saia ainda muito mal  
A historia que a respeito d'elle ouvi contar  
E que eu, tal qual ouvi, agora vou narrar.

Contou-m'a um rapazote, um moço embarcadoço,  
Um Hercules formado á custa do serviço!  
Viera, por uns dias, ver a sua aldeia,  
Sorver do campo a brisa e ver a lua cheia...  
Sentia-se enojado da sua casa—o Mar,  
E vinha aconchegar-se ao fogo do seu lar,  
Do lar que tanta vez lhe dava o bom calor  
Quando era innocentinho. 'Inda lhe tinha amor!...

Sentámo-nos os dois no muro d'uma eira  
A' sombra d'uma enorme e verde larangeira,  
Abrigo salutar de centos de pardaes  
Que então arremedavam córos infernaes!  
Puchou do seu cachimbo—o velho companheiro  
Que traz sempre consigo o forte marinheiro—  
E carregando-o bem d'um bom tabaco escuro  
Mandava pelo espaço o seu aroma puro.  
Depois, como quem 'stá um pouco pensativo  
Fixou-me d'um olhar serenamente vivo!  
Sorri—elle sorriu e com um ar de gloria  
Puchou uma fumaça e deu começo á historia.

—Senhor, não sei quem é! Amim pouco m'importa  
Saber como se chama e seja letra morta  
Pr'a si tambem meu nome. Vamos adante!  
Nós temos convivido aqui por um instante,  
Mas vejo que é bom homem. Vou desabafar  
Consigo as minhas maguas: queira-me escutar.

(Continúa).

vilhado contemplava o remar pausado e bambu do marujo que parecia vir fatigado da travessia.

Mais um esforço e a graciosa barquinha estava a tocar em terra, quando a voz maviosa e ardente do marujo lançou aos embalos da brisa a doce e nobre paixão que o dominava traduzido n'esta quadra:

Zéphiro que vagueias fagueiroso,  
(Ideal da poesia e do primor)  
Não cesses de soletrar glorioso  
A ella—este anhelante e casto amor.

Quando os purpureos labios iam a dizer a quadra seguinte da canção, com estas sublimes palavras—*amo-te...* uma vaga alterosa, impellido rija mente pelo vento, sepultou no abysmo revoltoso, a barquinha feiteira—o meu pensamento.

Coimbra.

J. Petiz.

Litteratura aldeã

Nas proximidades da chamada «Quinta dos Baptistas», no lugar de Bréjo, fomos testemunhas occultas do seguinte *idyllo* que passamos a reproduzir para o nosso jornal, ficando ao paladar do leitor gostar ou não.

Recommendamos porem, a veracidade.

Joanna, com o cinto mal apertado, as borlas ao desdem, as dobras do lenço a bamboar, chapu derrubado e d'inxada encontrou o José—um rapagão moreno, de carapuça sebenta e já sem maçaneta na ponta, com as delgadas e vermelhas *canellas* á vista, de varapan de marmelleiro, d'aspecto jovial.

Foi Joanna quem rompeu conversa.

Salve-o Deus! Que madrugação foi essa? Bem-má mente no brão q'agente lebanta-se inda cum de noite prós milhos.

—Eu lhe digo, sr.<sup>a</sup> Joanna, tibe dir a casa do tio Joaquim Feiteiro, lá prá môr d'um escasso que lincumentamos e d'ahi, cumó outro que diz, tem nma pessoa pra sabrebiar pelos dias serem, tanto monta, pequenos de fazer-sapé; pois atão?

Ora diga-me: como correu lá o serião; bocencê, segundo me diçero, num falta lá; hai tãmem lá 3 bezes na semana, o Zé da Saibreira.

—E a bocencê ainda a se lhe metter coizas em cabeça, q'eu como dil-o outro, e é assim, num deu *cabáco* a essas coizas emfim de summa importancia; num dô não senhor, senhor José.

—Num seja ássim, ora num seja ássim por cú Zé Bieira tem-me dito frequentes bezes que...

—Pra fallar a berdade (a gente, cumo dil-o outro, não perde nada—fullei eu elle algumas bezes e tenho fallado d'esde aquella bez da *estonada* da Maria Capôta das Tomadias mas...

—Pois sim, eu tãmem num digo lá menos disso, mas bocencê dá o seu geito pra cumberçar á sua buntade e...

—E fallo; lá prá môr disso num quero desmentil-o.

E atão? O sr. José num falla umas bezes cua Maria da Ferreira e oitras cua sua prima Margarida? E atão?...

—Ai, bocencê a crer-me bir já lá cuas suas aquellas (e deu-lhe um *xéche d'amôr* na gorduffa cara da Joanna). De berdade—jãgora bai de berdade—tenho fallado eu ella muitas bezes; ahi stá qui a derradeira foi na 3.<sup>a</sup> feira d'entruado, na *esfarrapada* de Guilibai inté fallamos in eu seu irmão Joaquim.

—E' berdade, sr.—José; pelos modos diçero-me que cá a sua besinha...

—Sim, é o que se diz no geral da besinha e tudo prá môr d'aquellas entradas... Bocencê num sabe, ha muito, cumo é esta nossa gente? E' ladrão? Mate-se, esfolle-se, põna-se á dependura; e d'ahi atão, agúço, agúço a lingua cúella, coitada da *cachopa* (palavras textuaes que ouvimos).

—Mas, pelos modos, sr. José...

—Pelos modos, sr.<sup>a</sup> Joanna, o rapaz é craticado de...

—Bem; adiante cus bois... são coizas que nunca debiam assuceder. Emfim... «quem tem o mal bem no

gême e quem tem o binho bem no bête». Ora pois...

—Pois, muito bem, muito bem, sr.<sup>a</sup> Joanna, ora basta que sim; bocencê botada de tão longe cá pra estes lugares é d'admiração, sim senhor, sim senhor...

—O seu pai bai melhor da perna, sr. José?

—Muito aguardecide. Co estas chovas de *cuntuno* e frio, o hóme, coitado, custa arribar e mesmo cumo num tem habido sole, deixa-se star na cama inté esse meio dia; lebanta-se mas bai dreito ó lume. Coitado; aquelle já num torna ó seu ser, crédo!

Começavam em seguida a fallar de familias.

Retiramos, com magoa, por não podermos, como desejavamos, dar um desfêcho mais *ratão!*

Não pode ser... paciencia...

NOTICIARIO

Ordem de S. Francisco

Devido ao tempo, não sahiu no domingo passado, como haviamos noticiado, a procição d'esta ordem—os Terceiros—ficando transferida para o proximo.

O novo andor

No domingo ultimo, pelas 10 horas da manhã, foi benzida, na capella de N. S. da Graça, a imagem da Rainha Santa Isabel

Assistiu áquelle religioso acto a comissão promotora d'aquella beneficencia, vestida com o habito da ordem a que a mesma Santa pertence.

Leigos que somos na arte de esculptura, não deixaremos por nosso lado, de admirar uma obra irreprehensivel, um primor emfim.

Fazemos sem pejo, esta humilde apreciação, agregando-nos a pessoas auctorizadas e mais do que isso: á opinião geral.

Ao numero das imagens admiradas que temos em Ovar, pode-se acrescentar a da Rainha Santa Isabel.

Vemos pois, com prazer, que os esforços louvaveis dos distinctos cavalleiros da comissão obtiveram o exito que esperavam, obtendo assim os justissimos louvores dos habitantes de Ovar e os parabens do nosso jornal.

A's 11 e 3/4 horas da manhã d'esse mesmo dia foi a Santa Conduzida pela comissão para a igreja matriz, onde esteve exposta até a noite.

Enfermo

Acha-se bastante enfermo, desde quarta-feira passada, o sr. Manoel José de Pinho, negociante da rua dos Ferradores e digno regedor d'esta freguezia.

Promptas melhoras é o que desejamos.

Annos

Passou no dia 12 o 17.<sup>o</sup> anniversario natalicio a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Cacilda de Liz Teixeira da Cruz, filha do ex.<sup>mo</sup> sr. Thomaz Augusto da Cruz, dig.<sup>mo</sup> major e commandante do districto de recrutamento e reservas n.<sup>o</sup> 9.

Para juizo

A camara municipal d'este concelho, deu parte para juizo que, em 10 do corrente, Manoel Carvalho dos Santos, padeiro, da Ribeira, d'esta villa, seu filho Agostinho, um creado por nome Manoel Antonio e Roza Chalaça, cortaram e furtaram da matta municipal, 8 pinheiros no valor de 5:500 réis.

Reunião

Uma comissão de rapazes d'esta villa tiveram ha dias, uma ideia assaz louvavel—ideia que consistia em se realizar um bando precatorio a favor das victimas da catastrophe de 27 de fevereiro.

Para isso, no dia 8 do corrente, reuniu se a mesma, em assembleia, no theatro Ovarense.

Deliberou-se entre outras coizas de méra importancia o seguinte:

Que se fizessem convites, por meio d'officio, ao poder judicial, camara, administração, parochia da freguezia, corporação d'artistas, representantes das companhias, as duas philarmonicas etc, etc;

Que os jornaes da localidade abrissem subscrições;

Que o bando deveria sahir no domingo, 13, ás 9 horas da manhã, da casa da reunião, percorrendo o itinerario que a comissão ou a meza marcassem.

Obstamo-nos emfim de narrar, as demais deliberações tomadas pois, maguadissimos dizemos, por motivos imprevistos e que appareceram no calor da discussão que poderia ser supprimida, depois, finalmente, de mil propostas, uma unica jamais premeditada é que teve vigor.

Essa proposta foi nada resolverem por fim...

A acta da sessão esteve dois dias em casa do noso amigo Silverio Bastos para ser assignada por todos os membros da comissão.

Abstivemo-nos tambem de assignar, não omitindo aqui o motivo da recusa para, seguindo o sensato pensar do nosso presadissimo collega «O Povo de Ovar», não ferirmos tambem susceptibilidades.

Talvez que, substituindo-se as *parodias* ao Parlamento, se se procedesse a uma reunião em familia, a heroica ideia fosse ávante.

Não se fez assim, não sabemos, nem queremos saber d'onde nasceu o erro.

Podem todos os membros, querendo, levar á conclusão a sua generosidade.

Para as mesmas victimas acha-se aberta no nosso jornal uma subscrição.

Semana Santa

Não vamos fallar de festas d'egreja, mas de coizas proprias do tempo d'essas festas.

Quem é que deixa de comprar agora as bellas cartonagens recheadas das competentes amendoas, mas amendoas de Lisboa?

Quem não ha de offerecer ao *der-ricinho* um livro de missa cheio de madre-perola e folhas douradas?

Ninguem!

E a prova é que Silva Cerveira, sabendo já que não ha *Romeu* ou *Julietta* que deixe de comprar taes generos, acaba de fornecer-se com um elegante sortimento de cartonagens, amendoas de Lisboa e livros de missa, e tudo ao paladar de todos.

Ao estabelecimento de Silva Cerveira!

Melhoras

E' satisfatorio o estado de doenca em que se encontra o extremoso filhinho do sr. dr. Sobreira.

Estimamos, esperando dar no proximo numero uma noticia do seu prompto restabelecimento.

Policia correccional

Deve ser julgado em audiencia de policia correccional no dia 16 do corrente, Manoel Quinto, casado, pescador, da rua do Loureiro, d'esta villa, acuzado do crime de furtos de pinheiros na matta municipal.

Queixa

Manoel da Cunha e Silva, casado, negociante, do Largo da Pôça, d'esta villa, queixou-se em juizo, no dia 9 do corrente, contra Salvador Gomes Brandão, solteiro; do logar do Fermil, freguezia do Couto de Cucujães, comarca d'Oliveira d'Azemeis, por abuso de confiança.

Novo pharmaceutico

Fez hontem exame de pharmacia na Escola Medica do Porto, o nosso amigo Ernesto Augusto Zagallo de Lima, ficando plenamente approvedo.

Felicitemos este nosso amigo.

Gazetilha

Por causa d'uma *peguena* que me traz muito embeicado, Já não durmo ha tres noites, Tenho um fastio damnado.

Não apanho, não encontro Um verso que tenha geito, E a musa diz-me, coitada, Que sente queixa de peito.

Não sei que devo fazer No meio da minha magoa...

Vou ver passar o namoro Que vem da fonte com agua.

João Braz.

Saudades da Infancia

N'aquellas tardes serenas, Como eu alegre corria, E a brisa embalsamada Como eu contente sorvia!

Ao canto dos passarinhos, Que de futuro sonhei! Aos raios do bello sol, Que de crenças alentei!

Nunca pensei qu'esse tempo, S'esvaeria no passado; E que meu peito ridente, Se veria amargurado!

Que—como a candida flor,— Desabrocha alegremente, E depois, triste, fenece, Aos raios do sol ardente,

Assim ella, a minha infancia, Ao lento correr dos annos, Foi murchando, fenecendo, E morreu de desenganos!

Oh! minha infancia querida, Onde só fragancia existe! Passaste, e só saudades, Me restam no peito triste!

Março, 6—Ovar.

F. S.

CHRONICA

Ah! Ah! Ah! Chronica! Tu, leitor, perdes tempo ainda, não o dás por inutil na leitura da *chronica* d'hoje? Não? Não, devêras?

Que te disse na minha ultima? Não te recordas? Na tua memoria sã não consegues *discortinar* ao menos uns *vislumbres* em que, a custo, a muito custo mesmo, *transpareça* uma pequenissima *ideia* do conjuncto de *ideias* que reproduzi em palavras, em phrases, em periodos, n'uma *chronica* emfim? Não?

Como estás desmemoriado! Não te descontentes: somos irmãos!

A chuva é que se tornou *chronica*; lá isso é que esta provado.

Por causa d'esse *hospede* eu ando tambem *chronico!*

Já são passados 7 dias depois que tu, ó Jayme, não sahes á rua, não vacs ao «Pepino», não fallas ao *der-ricio!*

O meu cerebro, o motôr que faz girar a penna, está *paralytico*, está *chronico!* Digam lá o que disser, mas tudo agora anda macambuzio, anda *chronico.*

Finalmente, anda tudo n'um *chronismo* tal, que, só mudando-se os tempos *chronicos*, é que eu poderei escrever uma *chronica*, mas uma *chronical*, isto é, uma *chronica* á altura das *chronicas* das *chronicas!*

Chronica! Chronico te chamo eu do juizo, se

te tornares *chronico* comigo, pelo facto de te apresentar hoje uma *chronica* que, longe de ser *chronica* é uma *chronica* sim, mas uma *chronica* que nunca foi *chronica*!

Uma *chronica* para ser a verdadeira *chronica*, deve ser escripta por um *chronista* versado, muito versado em *chronicas* de todos os generos, á excepção do genero *chronico*.

Não sirvo para *chronicas*, muito menos para *chronicas* jucosas.

Para ser *chronista* de *chronicas* d'esta especie, era necessario que eu tivesse *espírito*.

E *chronicas* com *espírito* só as escreveu em tempo o *espirituoso* \* \* \* essa eloquencia *espiritual*, essa fonte d'*espírito*, aonde Victor Hugo bebeu as primeiras gottas d'agua aromatizada, pelo purissimo *espírito* desde a sua primitiva!

Esse sim; esse, só esse, é que dá, vende e não compra *espírito*.

Que feliz!

Se eu fosse bafejado por essa *felicidade* que torna cada vez mais *feliz*, o *felizardo* collega dos tempos idos, por attenção ao *espírito feliz* que com elle nasceu e com elle ha de morrer sempre feliz, tambem eu poder-me-hia vangloriar de ser *feliz* como *feliz* é a *felicidade* que o torna mais que *feliz felizardo*!

Porém, como não sou *feliz*, contento-me em ser sempre, sempre *desinfeliz*!

*Feliz* ou *desinfeliz*, *espirituoso* ou *inespirituoso*, *chronico* ou não *chronico*, sempre fico a ser o mesmo Jayme; por isso pois, já que tu, leitor compadecido, chegaste até aqui, desculpando-te mesmo as *pragas* que fizeste chover sobre mim, não quero, nem devo deixar-te d'uma maneira indelicada, impropria d'um *chronista-espirituoso-feliz*.

Ahi vae pois uma *chronica*.

Lê:  
E' noite. Faz escuro como *breu*.

A lua...

Ora, de *lua* estou eu hoje, e tu de certo não estarás; por isso, deixa-me com a minha *lua* e procura-me na proxima quinta-feira, porque, certamente, estarei de *lua* melhor.

Adeus.

Jayme.

## Correspondencias

Coimbra, 13.

O bando precatorio dos bombeiros rendeu 364:310 reis. Estes deliberaram enviar uma commissão para ir pessoalmente entregar o dinheiro ás victimas. Tem sido muito applaudido este procedimento.

O mais importante d'esta semana foram dois casos tetricos que tiveram echo na Porta Ferrea.

Dois amigos e collegas academicos da Universidade, não tendo que estudar, entretinham-se a dar á lingua, eis senão quando, falla o assumpto a um d'elles e este comprazendo com o seu genio irrequieto e além d'isso com o immenso gosto de entreter os maxillares, lança amigavelmente os dentes a uma das orelhas do amigo e zás... arranca-lhe um pedaço que arremessou para a rua. O desorelhado lança mão d'um revolver, para disparar sobre o antropophago, mas oh fatalidade! a arma estava carregada com pó e ar, todavia isto não impediu que o amigo desse ás de Villa Diogo; fálhou a vingança, mas ao menos restalhe a consolação de ter o precioso bocado n'um frasco com alcool.

—O outro caso teve logar na rua das Padeiras, entre um novato de mathematica e um alumno de direito. O senhor novato que é um rapaz de muitos conhecimentos historicos, lá lhe deu no vinte o *distico* da rua e como tivesse bem gravado na memoria os feitos heroicos da Padeira d'Aljubarrota, quiz tambem que o seu nome fosse laureado na historia, mas oh cruel enganoso! enganouse, trocou a pá por um boxer e seu nome foi figurar n'uma participação policial para juizo, por ter rachado a cabeça ao seu muito conspicio amigo.

O novato já foi posto em liberdade. Quanto é bom ter amigos!

—O poetico Mondego quiz escarnecer dos poetas e pregou-lhes a partida. Pediu á sua amiga chuva que o auxiliasse e esta na verdade tem sido d'uma amabilidade em extremo.

Ainda este anno não houve uma cheia tão grande como esta. Algumas ruas da Baixa e principalmente em Santa Clara estão completamente inundadas. Hontem no maior auge da inundação honve gritos e um panico geral em Santa Clara.

Estiveram no local as auctoridades e os bombeiros. Felizmente não ha a lamentar desgraças, sendo comtudo muitos os prejuizos causados pela cheia.

—Na estrada do Choupal deu-se ha dias um desastre bastante lamentavel; uns bois que conduziam um carro, espantaram-se, resvalando o carro e os bois para um poço que ha proximo da estação do caminho de ferro. Francisco Porto Parda, o conductor, ainda conseguiu *desapôr* os bois; mas como lhe faltassem as forças e os soccorros necessarios, pereceu.

O infeliz deixa viuva e quatro filhos na mais extrema miseria. Lembramos á digna Associação dos Bombeiros Voluntarios e aos mais senhores que estes desgraçados são tão dignos de dó, como as victimas sobreviventes do temporal de 27.

Petiz.

## ANNUNCIOS JUDICIAES

### Editos

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de seis mezes chamando João Salgueirinho, mendigo, do logar da Preguiça, freguezia d'Arada, d'esta comarca, mas ausente em parte incerta, pronunciado ha mais de seis mezes no processo de querella, que lhe move o Ministerio Publico pelo crime de ferimentos de que resultou a morte a José Correia Paes d'Oliveira, do logar das Poças, freguezia d'Espargo, comarca de Feira, praticada no dia 22 de Julho de 1877, afim de ser julgado, sob pena de não se apresentando dentro do referido praso, ser julgado á revelia sem nenhuma outra citação, e podendo ser preso por qualquer pessoa do povo ou official de justiça.

Ovar, 11 de Março de 1892.

Verifiquei,

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro

O escrivão,

Eduardo Elyσιο Ferraz d'Abreu.

### Editos de 30 dias

(2.ª PUBLICAÇÃO)

NO juizo commercial da comarca d'Ovar, e cartorio do escrivão respectivo, corre seus termos uma acção commercial, em que é auctor Manuel Francisco Rodrigues, solteiro, proprietario, do logar de Mattozinhos, freguezia de Esmoris e réu Manuel Joaquim Alves Fructuoso, casado, tanoeiro, do logar do Covello, freguezia de Cortegaça; na qual o auctor pede ao réu a quantia de reis 100\$000, que este lhe de-

ve por uma letra commercial com data de cinco de fevereiro de 1891, pagavel a doze mezes da data. Porisso, pelo presente, é citado aquelle réu Manuel Joaquim Alves Fructuoso, ausente em parte incerta, para na segunda audiencia d'este juizo, decorridos que sejam 20 dias, que se começarão a contar da segunda publicação d'este annuncio no *Diario do Governo*, vir installar a mesma acção e assignar termo de confissão ou negação de sua firma, sob pena de se haver por confessada a referida acção.

As audiencias n'este juizo fazem-se ás segundas-feiras e quintas-feiras de cada semana, por dez horas da manhã no tribunal d'esta comarca, sito na Praça d'esta villa, ou nos dias immediatos, sendo aquelles santificados.

Ovar, 4 de março de 1892.

Verifiquei,

O Presidente do Tribunal do Commercio,

Salgado e Carneiro.

O escrivão,

Eduardo Elyσιο Ferraz de Abreu. (6)

### Editos

(2.ª PUBLICAÇÃO)

PELO juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de seis mezes, citando Antonio Rodrigues da Graça Pombo, solteiro, marceneiro, da rua do Bajunco, d'esta villa, mas ausente em parte incerta, pronunciado ha mais de seis mezes por processo de querella que lhe move o Ministerio Publico, pelo crime de fogo voluntariamente posto na noute de 27 para 28 de julho de 1881, na casa da habitação de Antonio d'Oliveira Dias, da rua Nova, d'esta villa, para comparecer n'este juizo, afim de ser julgado, sob pena de, não se apresentando dentro do referido praso, ou julgado á revelia sem nenhuma outra citação, e podendo ser preso por qual-

quer pessoa do povo ou official de justiça.

Ovar, 25 de fevereiro de 1892.

Verifiquei a exatidão,

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro.

O Escrivão,

Eduardo Elyσιο Ferraz de Abreu. (5)

## Editos

(2.ª PUBLICAÇÃO)

Pelo juizo de direito da comarca d'Ovar e cartorio do escrivão Ferraz, correm editos de 6 mezes chamando Manuel Anastacio, barqueiro, do logar do Solgo, freguezia de Pecegueiro, julgado de Sever do Vouga, mas ausente em parte incerta, pronunciado ha mais de seis mezes, no processo de querella que lhe move o Ministerio Publico, pelo crime de roubo praticado n'uma barraca que estava collocada ao lado da estrada municipal d'esta Villa do Carregal, na noute de 7 para 8 de março de 1870, afim de ser julgado, sob pena de, não se apresentando dentro do referido praso, ser julgado á revelia sem nenhuma outra citação, e podendo ser preso por qualquer pessoa do povo ou official de justiça.

Ovar, 25 de Fevereiro de 1892.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Salgado e Carneiro

O escrivão,

Eduardo Elyσιο Ferraz de Abreu. (7)

## ANNUNCIOS

### AGENCIA

## Funeraria

RUA DA GRAÇA—OVAR



SILVERIO LOPES

BASTOS acaba de estabelecer uma agencia funeraria pelo systema

do Porto, tendo todos os aprestes para funeraes os mais modernos e mais economicos que até hoje se tem inventado; n'esta casa encontram os senhores doridos caixões já armados, desde o mais barato até ao mais rico que se pôde fazer; habitos desde a mais fina seda até ao mais baixo algodão; corôas de flores artificiaes, de perolas e de zinco, desde o melhor ao mais barato; fitas de seda desde a mais larga a mais estreita, guarnições douradas, artigos de cartonagem e palheta, sedas lisas e lavradas e emfim um lindo e variado sortido de objectos proprios para funeraes.

Poderão pois os snrs. doridos apresentar as suas ordens n'esta casa e duas horas depois terão o caixão, habito e tudo o que necessitarem sem o mais leve incommodo, tendo para isso pessoal competentemente habilitado.

PREÇOS RESUMIDOS

# HISTORIA DA REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

EDITORES **LOPES & C.<sup>A</sup>** PORTO  
119, Rua do Almada, 123 (esquina da rua da Fabrica)

## DICCIONARIO PROSODICO

DA LINGUA PORTUGUEZA

POR

**JOAO DE DEUS E A. J. DE CARVALHO**

Preço ----- *Cartonado 1\$200*  
*Encadernado 1\$400*

*Lopes & C.— Editores—Rua do Almada, 119 — Porto.*

# A FORMOSA LUSITANIA

ANNOTADA E TRADUZIDA

POR

**CAMILLO C. BRANCO**

Edição monumental da casa **LOPES & C.<sup>a</sup>**, rua do Almada  
119 e 123---PORTO

Livro immensamente barato em relação ao seu valiosissimo merecimento.